

## A poesia-grito de Waldo Motta e a construção de um sentido para a vida

### The Shout-Poetry of Waldo Motta and the Construction of a Meaning for Life

Marcel Martinuzzo\*

**N**os versos de "O momento profundo", publicado pela primeira vez em *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980) e posteriormente na coletânea *Eis o homem* (1987), Waldo Motta contempla o absurdo da existência e declara: "A vida não tem sentido, a não ser / esse que nós mesmos lhe infundimos" (MOTTA, 1987, p. 11). Inspirados por essa afirmação, a presente seleta se organiza a partir do seguinte questionamento: que sentido é esse que o poeta infunde à vida com os seus poemas? Nosso objetivo é reunir textos que nos falem sobre a compreensão do sujeito lírico waldiano acerca do seu fazer poético e do seu papel como poeta ao longo do tempo.

Waldo Motta é conhecido por elaborar uma engenhosa cosmovisão homoerótica a partir do amor masculino, à qual chamou de "erotismo sagrado" (MOTTA, 2000, p. 61). Por mais dinâmica que seja a sua escrita nessas quatro décadas de atividade literária, é formidável verificar como alguns aspectos decisivos da sua

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

lírica permanecem vigorosos desde as primeiras publicações. Um deles – o qual se encontra particularmente bem representado nos textos que selecionamos – é o seu inconformismo. Por maior que seja o seu apuro técnico, nós não estamos falando de um esteta, de um autor cujo objetivo é alcançar o belo por meio de jogos de linguagem. Não: o poema waldiano não é um fim em si mesmo, mas um meio para se atingir algum propósito. Ele deseja comunicar, anunciar, revelar algo, e espera – com isso – interferir na ordem do mundo de alguma maneira, pois conformar-se com ele e aceitá-lo passivamente não é uma opção.



Waldo Motta (Foto de Ricardo Aguiar).

Essa verve inconformista de Waldo Motta pode ser verificada ainda em “O momento profundo”, há pouco mencionado. Na última estrofe desse poema, o sujeito lírico nos apresenta – como resposta pessoal à falta de sentido da vida – o seu modo de participar da realidade (MOTTA, 1987, p. 11):

Se eu bater bater minha cabeça  
nos paralelepípedos desta rua desolada  
até reduzi-la a farelos  
não resolve porque o mundo continua.  
Mas se eu gritar gritar gritar talvez  
desperte os homens dessa catalepsia.

Diante do absurdo, o sujeito lírico *escolhe* o grito. Nada o obriga, posto que a vida não tem nenhum sentido prévio. Nada tampouco o ilude, pois ele está ciente do risco de fracassar, tal como indica o advérbio “talvez” ao final do penúltimo verso. “Gritar”, no entanto, ao contrário do suicídio “nos paralelepípedos desta rua desolada”, oferece alguma possibilidade de transformação, mesmo que pequena. O poeta quer ser ouvido, ele quer “despertar os homens”, retirá-los da inércia: sua poesia-grito é, portanto, um ato político. O poema não é apenas um artefato estético a ser admirado, mas também e principalmente um instrumento – um meio – de tocar a sensibilidade do outro e dar-lhe, se possível (“talvez”), uma nova visão. Apesar de todas as atualizações temáticas e estilísticas da obra poética de Waldo Motta, essa postura tem sido uma constante no seu fazer literário ao longo de todas as fases.



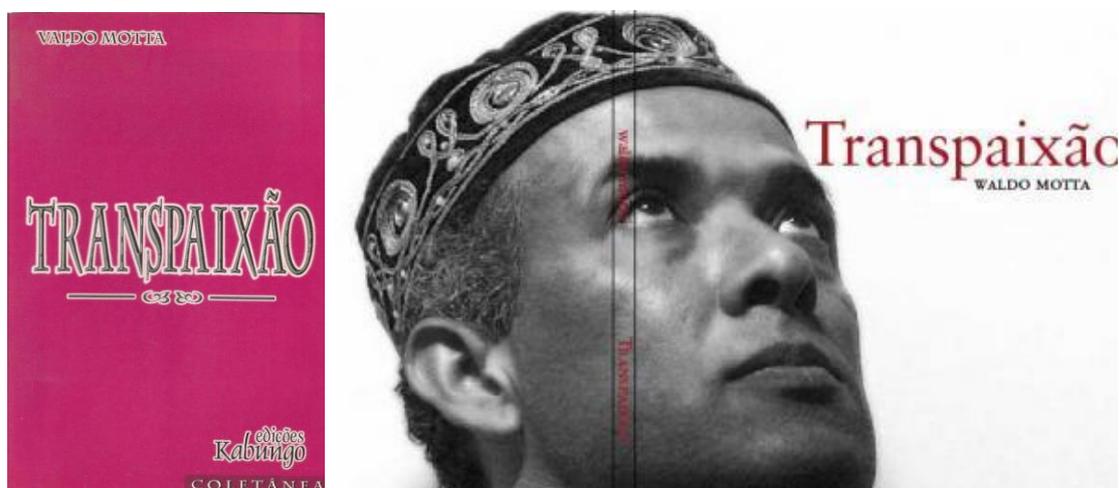
Capas de livros de Valdo (Waldo) Motta.

No que se refere às transformações na lírica waldiana e também da à construção de um sentido para a vida, bem como de outros aspectos de sua poética, é

interessante considerar as seguintes ponderações do autor a respeito do seu percurso literário (MOTTA, 2008, p. 17-18):

Quero mostrar como vejo e entendo a minha trajetória: um processo de autoconhecimento e maturidade, marcado por experiências e reflexões em que o poeta se vê protagonizando um drama espiritual, uma aventura arquetípica, a princípio inconsciente, em que luta contra tudo e todos pela realização plena do potencial divino, aventura em que, após frustradas buscas na exterioridade e de percalços e desilusões nas relações afetivas, sociais, nos credos, volta-se o procurador para o âmago de si mesmo e descobre ali, naquele lugar, o novo mundo, a terra prometida.

Esta síntese da sua trajetória, elaborada já durante a maturidade literária do escritor, chama atenção para outro aspecto decisivo da sua obra: a constante busca de autoconhecimento. Longe de ser contraditório, esse movimento em direção ao “âmago de si mesmo” é concomitante e complementar à sua ação político-poética sobre a realidade externa. O sujeito lírico waldiano é um homem inquieto, atormentado, incapaz de aceitar a hostilidade do mundo. Ao mesmo tempo, é alguém que escolhe deliberadamente viver as suas paixões e, assumindo as consequências dessa escolha, procura compreender melhor a si mesmo e a sua realidade no processo. Dor e desejo, a alegria e a indignação, os conflitos de fora e os de dentro de si mesmo, tudo isso é matéria de poesia a serviço da “realização plena do potencial divino” que o poeta não anseia somente para si, mas para todos.



Capa das edições de *Transpaixão*, de Waldo Motta.



Capas de *Mais poesia hoje* e *Bundo e outros poemas*.

**O que você está lendo?**

**Valdo Motta, o Poeta**

*A Gazeta  
Caderno Dois  
25/8-1996, p. 4*

---

**José Augusto Carvalho**

**B**undo & outros poemas, de Valdo Motta, não é apenas mais um livro de poemas, porque seu conteúdo sofrido, erudito, místico e, sobretudo, profundamente corajoso faz dele um dos melhores livros de poemas já escritos por um capixaba nos últimos tempos. Não é à toa que é o primeiro volume da coleção *Matéria de Poesia* da Editora da Universidade Estadual de Campinas, a mais conceituada das universidades brasileiras, internacionalmente reconhecida.

Conhecedor como poucos do valor que a palavra assume, viva e plurissignificativa, num texto poético, Valdo Motta revela-se um poeta que se debruça sobre si mesmo, na descoberta do mundo. Deixemos que o poeta fale, em trechos pinçados mais ou menos aleatoriamente, ao longo desse livro tão rico e profundo: “Claro, claro: / É pelo talo / Que começa o fruto. / A vida / medra / do rabo”. (p. 71); “A poesia é a minha / sacrossanta escritura. / cruzada evangélica / que deflagro deste púlpito”. (p. 79); “Quero ir atrás / do secreto fim / das coisas, ao cais / dos mares de mim”. (p. 89); “Só pode amar quem moeu / Seu eu na amorosa mó / e desse pé renasceu” (p. 116).

Na introspecção que resulta numa verdadeira análise do mundo que o cerca, o poeta tem estes achados maravilhosos: “A mulher é a miragem do caminho / do homem em busca de si mesmo” (p. 56); “Todos os caminhos / que se abrem para o mundo / não valem o caminho interdito” (p. 39); “Se me encontro em perigo / ao Diabo e a Deus bendigo. / Na luta de mim comigo / quem me vence é meu amigo”. (p. 83).

Talvez o leitor pense em Fernando Pessoa. Mas não é só. O livro de Valdo Motta é um passeio pela intertextualidade, desde Camões a Drummond de Andrade. E se diz repetidas vezes “Quero ser amado” (p. 48), também diz num hai-kai pessimista: “Eis no que deu / a Terra Prometida / por Prometeu”. (p. 93).

Preocupei-me aqui em dar uma pequena amostra do talento poético de Valdo Motta. O espaço pequeno não me permitiria teorizar, quando a voz do poeta é muito mais forte do que qualquer tentativa de análise do seu estro.

Valdo Motta não é um poeta. Valdo Motta é O poeta. Que terá motivos de sobra, agora, para sofrer ainda mais: só se atiram pedras em árvores fruteiras. E certamente haverá à sua espera os que não suportam o talento alheio.

(MOTTA, Valdo. *Bundo & outros poemas*. Carapinas: Unicamp, 1996, 132 páginas).

■ (O autor é professor da Faculdade de Direito de Vitória e escritor)

■ **Observação:** Este espaço está reservado a colaborações voluntárias (limite de 30 linhas), com opiniões sobre Livros e identificação do autor. O material recebido será avaliado pelo Caderno Dois.

Imagem da coluna “O que você está lendo?” (sobre *Bundo e outros poemas*), assinada por José Augusto Carvalho, em *A Gazeta*, de 1996 (Fonte: Acervo do Neples).



Chamada de *A Gazeta*, de 1996, para o lançamento de *Bundo e outros poemas*, de Waldo Motta (Fonte: Acervo do Neples).



Imagem do artigo de Fábio de Souza Andrade sobre *Bundo e outros poemas*, na *Folha de São Paulo*, de 1997 (Fonte: Acervo do Neples).

A obra poética de Waldo Motta é um monumento de beleza e irreverência erigido sobre a dor. Sua poesia é dinâmica e heterogênea, tendo passado por diferentes fases em processo contínuo de autocrítica e reformulação. Triplamente marginalizado em sua condição de homem pobre, negro e *gay*, o poeta capixaba

teve por mestra a sua própria curiosidade e foi ousado o bastante para experimentar variados estilos formais, do poema metrificado ao verso livre e ao anagrama. A necessidade de compreender melhor os seus afetos e a sua sexualidade, e também o seu pendor para as questões do espírito, o levaram a beber na fonte de diversas tradições religiosas, bem como da poesia de diferentes épocas; daí a sua identificação sempiterna com vates e profetas, para os quais a palavra poética tem o poder de criar, revelar e transformar o real. Todo esse conhecimento acumulado permitiu que o autor construísse uma obra que – atenta às contradições do humano e aos problemas sociais – retira a homossexualidade do seu lugar de execração para dar a ela a dignidade do Sagrado. A palavra é, enfim, o meio pelo qual Waldo Motta deseja “infundir sentido à vida” e “despertar os homens”, tocando-lhes a sensibilidade.



Waldo Motta no final dos anos 1980 (Fotos de Paulo Roberto Sodré).



Waldo Motta nos anos 2000 (Fotos sem crédito).

Na presente seleta, buscamos apresentar poemas escritos em diferentes épocas a fim de valorizar a heterogeneidade da lírica waldiana em suas diferentes fases. Alguma prioridade foi dada aos poemas anteriores à publicação de *Bundo e outros poemas* (1996), uma vez que eles têm recebido menos atenção da parte da fortuna crítica do autor. Com isso, desejamos contribuir para dar mais visibilidade à obra do poeta, a qual, apesar de já ser considerável, ainda está muito aquém do seu mérito.

**Referências:**

- MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.
- MOTTA, Valdo; OLIVEIRA, Wilbett R. *Os anjos proscritos e outros poemas*. São Mateus: Edição dos Autores, 1980.
- MOTTA, Valdo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008.
- MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015.

## SELETA

### O momento profundo

Do ventre da noite raia o dia, filho  
que se entranha de novo, quando a tarde finda.  
A vida não tem sentido, a não ser  
esse que nós mesmos lhe infundimos.

Se eu bater bater minha cabeça  
nos paralelepípedos desta rua desolada  
até reduzi-la a farelos  
não resolve porque o mundo continua.  
Mas se eu gritar gritar gritar talvez  
desperte os homens dessa catalepsia.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano  
Abel de Almeida, 1987. p. 11.

## O vate

Continuo vendo fantasmas, germens macroscópicos  
mas invisíveis, continuo advertindo  
sobre o que se esconde nos pensamentos  
as intenções colaterais dos gestos  
alertando que o inimigo disfarçado  
penetra, com a nossa convivência, em nossa casa.  
Não lhe deem ouvidos, o poeta é um visionário.  
Magoado, calo-me e juro  
não fazer mais nada por esses ingratos.  
Mas logo depois me surpreendo falando  
espontâneo como a folha seca  
cai da árvore no inverno.  
Falar está além de mim, não posso  
deter este indômito fluxo  
tão além de mim como  
involuntário é o sonambulismo.  
O poeta aponta  
para o gadanho que reponta  
da mão distraída.  
Olham e não veem  
abrem mais os olhos e não veem  
arregalam os olhos e...  
Impressão!  
Mas não desanimo.

MOTTA, Valdo; OLIVEIRA, Wilbett. *Os anjos proscritos e outros poemas*. São Mateus: Edição dos Autores, 1980, p. 10-11.

## Saudações

Ó ilustríssimos senhores  
de modos finos, que saco!  
Pelo amor da santa, fora  
com vossos salamaleques!  
Não quero louros nem busto  
e nem meu nome em via pública.  
Não quero as vossas vênias  
e rapapés, flores dúbias.  
Não quero ser o poeta  
de que todos se orgulham.  
Descaradamente confesso  
a quem interessar possa:  
Quero ser é a vergonha  
da província e da república.  
E só me enfeite a fronte o fogo  
dessa coisa que me empurra,  
traste, traça a roer em  
ora alegre, ora soturna  
porém diuturna fúria  
– as juntas da conjuntura.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 50

## O labor discreto

As coisas não mudam assim  
da noite para o dia, céleres.

Por isso, perdi a flama  
que fazia de meus versos

uma rocha iracunda.  
Porque no final das contas

o importante é ter mudado  
um pouco de mim, ao menos.

O cupim, no anonimato,  
rói as vértebras deste tempo.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 23.

## O apelo das coisas

Permitam-me que eu me recuse  
a participar, pelo menos por hoje,  
da despreocupada festa.  
Ainda não é o tempo só de festas.

Portanto, deixem-me estar a só comigo,  
que eu preciso de vez em quando  
estar a sós comigo mesmo,  
que é quando eu posso reaver-me  
o meu lado mais sério e profundo,  
o aguerrido, o inconformado, o insubmisso  
o rebelde, o cerebral, o circunspecto.

Deixem-me estar a sós comigo mesmo  
pois preciso reabastecer-me de meus temores  
de meu ódio e de minhas esperanças.

Deixem-me estar a sós comigo mesmo,  
tenho compromisso com as coisas  
e elas estão me chamando  
e eu não devo fugir das coisas.

Deixem-me, que hoje eu não vou, não posso, o mundo  
continua em seu louco compasso  
e as coisas estão me convocando  
e à minha poesia belicosa.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano  
Abel de Almeida, 1987. p. 28.

## Poemas cambiantes

Pelo asfalto, volto a casa, bêbado.  
Ao longo da rua, casas jururus  
e como que encolhidas de frio.  
Do fundo do corpo pesado e arfante,  
como que a um títere vivo  
o não-sei-o-que-seja que sou dirige-me  
os passos vacilantes pela rua vazia.  
Num acesso de ira, dá-me ganas  
de partir a estátua de carne  
de que sou cativo, em mil pedaços.  
E ver o rosto disso que sou;  
inda que hediondo.

Deposto, estiolado  
nas masmorras de mim.  
Quando é que este sósia,  
este pobre arremedo  
do que sou porá termo  
nesta flagrante farsa  
e me devolverá  
meu lugar usurpado?

Entre mim e mim  
há um abismo profundo  
assim como um rio morto à noite  
em cujas duas margens noturnas  
eu, simultaneamente, estivesse.  
À noite é no meu interior  
que o rio abissal divide.

Da margem aquém  
olho a treva densa  
que me separa de mim.

Punge-me no fundo do peito  
uma dor indefinível  
que pode ser uma curiosidade

de conhecer o ser além  
ou uma espécie de saudade  
desse que nunca vi  
e de que não tenho a menor ideia.

O ritmo sacolejante e frenético  
da música que toca do outro lado da rua  
dá-me vontade de dançar tanto,  
incessante, vertiginosamente,  
feito uma piorra desvairada,  
até que meu corpo atarracado e franzino  
dissolva-se no ar desta tarde triste, completamente.

Só porque escrevo  
sinto esvair-se  
o que me enchera.

A esferográfica  
é como se  
me ordenhasse.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem*. Vitória: Fundação Ceciliano  
Abel de Almeida, 1987. p. 16.

## Sovar-te de nomes

Sovar-te de nomes  
até a exaustão  
transformar-te em pão  
para muitas fomes

sabendo que o nome  
se ao homem sustém  
torna-o refém  
também o consome

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 51.

## Vórtice

E como os deuses me agraciassem  
 com a peste que me lavra a palavra  
 e me escalavra veias, nervos, plexos;  
 e como por emblema desta fúria  
 que em mim grassa – nem graça nem desgraça,  
 eu só tenha este séquito de traças  
 zanzando pela casa e em meu crânio;  
 e como nesta altura da descida  
 aos círculos do inferno eu só me eleve;  
 e como nada reste além da réstia  
 do que em mim é alheio e me arrasta  
 em seus rastos de luz na vasta treva,  
 que me resta, que me resta, e se é sina,  
 senão me dar, rabinho entre as pernas,  
 e o coração na boca, e o cu na mão,  
 e ganindo no êxtase da dor,  
 que me resta senão a imolação,  
 o gozo da escarificação  
 nos cacos do Espelho, na moenda  
 do amor me revolvendo, e assim volvendo  
 ao pó, ao ar, à luz, ao Ser essente?

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 39.

## Ode à ida ao Id

*Vexilla regis prodeunt inferni*

cf. Dante

Hás  
de  
ir  
ao  
Id

Hás  
de  
ir  
ao  
Hades

Hás  
de  
apegar  
-te a  
toda e qualquer  
merda  
neste  
mar de

Hás de enfrentar  
a nado  
o nada  
para enfim dar  
a Lugarnenhum

Hás de ir ao Id,  
hás de ir ao Hades,  
apesar de Cérbero  
a tudo atento  
com seus mil ouvidos  
e olhos cibernéticos,  
apesar de toda a  
hiperinfernália

de ritmos pânticos,  
sabores e odores  
e cores e sons  
alucifeéricos  
do Leviatan.

Hás de ir ao Id,  
hás de ir ao Hades,  
derrotar Satan  
e as potestades.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 91.

## Descobrimentos

Aqui vou eu, bundo, pando  
ó país que almejo e canto,  
terra desolada, bela adormecida,  
virgem por salvar!

Gênios perversos, bestas solertes,  
hostes medonhas, greis infernais,  
aqui vou eu, verbo em riste,  
arredai!

Hidras, quimeras, anfisbenas, lâmias,  
górgonas, gárgulas, ogros, exus,  
anhangás, humbabas,  
abracadabra!

Eldorados, thules, surgas, agarthas,  
cimérias, hespérias, pasárgadas, cólquidas,  
xangrilás, cocanhas, saléns, guanairas,  
reinos miríficos, mundos arcanos,  
céus interditos, aqui estou eu!

Velocinos, tesouros,  
manás, elixires,  
graais, aqui eis!

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 56.

## EAD WALD

*Vale mais o bom nome que muitas  
riquezas; e a boa graça mais  
que prata e ouro.*

Provérbios 22:1

Seja pelo vau do  
rio ou mar, seja  
pelo abismo, ó Valdo,  
conforme desejas,

és o pão ausente  
nessa mesa posta  
(tanta, tanta gente  
cevada com bosta).

Crias quantas pontes  
podes. Doas odes  
ao demo inocente  
do reino de Hades.

Reféns de anteontens,  
hordas de exus,  
salvam-se em ti, fonte  
de verdade, luz

pública, e tão mais  
bela e pujante  
quanto mais e mais  
sejas adamante.

MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edufes, 2008. p. 91.

## Endereço da salvação

Todos os caminhos  
que se abrem para o mundo  
não valem o caminho interdito.  
É preciso ensinar a porta certa  
da casa de Deus  
e franquear aos miseráveis  
as riquezas  
ocultas em suas próprias entranhas.

MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas:  
Unicamp, 1996. p. 34.

## Assim disse a monstra

Eu sou a monstra sagrada  
eu sou a bicha papona  
eu sou a jaguatirica  
dos vales  
eu sou a suçuarana  
dos montes.  
Eu sou o maracajá.

Sou demônio, anjo e deus  
guardião de mil segredos  
e do sonhado GRRRAAAALLLL.

Eu sou o terror das selvas,  
eu sou o horror das trevas,  
todos me amam e temem.

Por amor a Yanderu,  
sirvo a Jurupari,  
finjo-me de Anhangá,  
Caipora e Saci.  
Sou um anjo travesti.

Curinga, proteu  
dez mil faces tenho.  
Em todo e qualquer  
lugar estou eu.

Eu sou o querubim do tabernáculo,  
e o anjo da espada flamejante,  
e o tigre de Blake e Borges,  
e a pantera de Dante, e o leopardo  
de Eliot e Daniel,  
e o dragão do jardim das Hepérides  
e a besta do Apocalipse  
e a serpente do paraíso.

Sou o próprio Chupacabra.

Pantera rosa-shocking  
jaguar azul-bebê  
tigresa rosicler  
sou cheia de gatimonhas;  
mas ronrono de ternura  
e me enrosco todinha  
em torno do meu dono:  
aquele que a todos ama  
e de todos é o amo.

Não me venha com bravatas e esconjuros  
e nem me torne presa, caça ou vítima  
de sua estupidez civilizada.  
Sou uma besta sagrada e protegida,  
um animal santo e exijo  
todo o respeito devido  
à minha divina estirpe.

MOTTA, Waldo. *Terra sem mal*. São Paulo: Patuá, 2015. p.  
60.

Recebida em: 30 de abril de 2022.  
Aprovada em: 18 de outubro de 2022.